

REVISÃO DE LITERATURA

O dicionário informal: uma questão para a linguística popular

Lígia Mara Boin Menossi de ARAUJO 

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Clariane Molina de LIMA 

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marcelo Rocha Gonçalves (UFMS)
- Dennis Preston (UK)
- Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

AVALIADO POR

- Sidnay Fernandes dos Santos Silva (UFSCar)
- Marco Antônio Almeida Ruiz (UFG)

SOBRE AS AUTORAS

- Lígia Mara Boin Menossi de Araujo Conceptualização, curadoria de dados, análise formal e escrita do rascunho original.
- Clariane Molina de Lima Investigação, metodologia, validação, escrita - análise e edição.

DATAS

- Recebido: 15/09/2022
- Aceito: 26/12/2023
- Publicado: 31/12/2023

COMO CITAR

Araujo, L. M. B. M.; Lima, C. M. (2023). O dicionário informal: uma questão para a linguística popular. *Revista da Abralín*, v. 22, n. 2, p. 140-157, 2023.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo primordial analisar o funcionamento discursivo do Dicionário Informal que apresenta características que suscitam problemáticas em torno da reflexão sobre Linguística Popular no Brasil (BARONAS, 2019). Nossa hipótese é a de que os não linguistas produzem seus dizeres por meio de uma metaenunciação (PAVEAU, 2020) haja vista que constroem esses enunciados a partir de um posicionamento discursivo específico de reflexão sobre a linguagem. Por isso, nossa pergunta de pesquisa é: de que modo são constituídos esses discursos dos não linguistas no Dicionário Informal ao enviarem sua colaboração acerca dos verbetes gado, feminismo, biscate e parafrasear? Para respondê-la, trouxemos algumas ideias teoricamente empreendidas por Dolar (2021), Paveau (2020) e Baronas (2019, 2020). Esperamos que nosso trabalho possa, por um lado, contribuir para uma compreensão mais refinada a respeito da Linguística Popular no âmbito dos estudos linguísticos e, por outro, promover maior clareza a respeito dos saberes populares produzidos por não linguistas e pelos considerados acadêmicos.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the discursive functioning of the Informal Dictionary, which presents characteristics that raise problems around the reflection on Popular Linguistics in Brazil (BARONAS, 2019). Our hypothesis is that non-linguists produce their discourses through a meta-enunciation (PAVEAU, 2020) given that they construct

these discourses from a specific discursive positioning of reflection on language. Therefore, our research question is: how are the discourses of non-linguists constituted in the Informal Dictionary when they send their contribution on the entries cattle, feminism, odd jobs and paraphrase? To answer it, we will bring some ideas theoretically undertaken by Dolar (2021), Paveau (2020) and Baronas (2019, 2020). We hope that our work can, on the one hand, contribute to a more refined understanding of Popular Linguistics within the scope of linguistic studies and, on the other hand, promote greater elucidation about the profane knowledge produced by non-linguists and by those considered academics.

PALAVRAS-CHAVE

Dicionário colaborativo. Linguística popular. Não linguistas.

KEYWORDS

Collaborative dictionary. Popular Linguistics. Non-linguists.

Introdução

Com a evolução tecnológica e a expansão do conhecimento cada vez mais ao alcance das nossas mãos ou, mais especificamente, de um clique ou um toque, os saberes que antes eram restritos a pequenos grupos fechados são agora, de alguma maneira, acessíveis aos indivíduos que sentem interesse por determinado assunto. Esse fenômeno ocorre em várias áreas do conhecimento, e com a linguística não é diferente, fato que Marie Anne Paveau (2018) denomina na França como Linguística Popular ou Folk Linguistics, que pode ser entendida como a produção de saberes espontâneos, uma reflexão de indivíduos comuns acerca da linguagem, movimento que se difere das reflexões produzidas no âmbito acadêmico ou científico.

Esses saberes populares podem ser produzidos por qualquer indivíduo, o que dificulta a identificação dos chamados não linguistas. Se por um lado, é fácil identificar o profissional de linguística por meio de cursos e certificados; por outro, a identificação dos não linguistas, por não estar baseada em critérios formais, torna-se mais difícil. Nessa toada, Paveau (2018) afirma que “ser um não linguista não é um estado permanente, mas uma atividade praticável num momento e num lugar determinados pelos próprios linguistas; há uma posição de não-linguista, sempre cambiável com alguma outra” (PAVEAU, 2018, p. 23).

Desse modo, a proposta de Paveau (2018) diferencia a prática linguística entendida como os comentários metalinguísticos, metaenunciativos e metadiscursivos produzidos por não linguistas sobre a sua própria língua e a língua dos outros. Como prática languageira, a estudiosa explicita que se

trata dos distintos usos linguísticos dos locutores. Arelada às pesquisas de Linguística Popular, Dolar (2018, 2021), em seu artigo Os dicionários colaborativos on-line: objetos metalinguísticos profanos, traz para discussão o tema ao afirmar que ainda não existem muitas pesquisas a respeito dos dicionários colaborativos on-line e que essas páginas da web são caracterizadas por serem muito dinâmicas, o que facilita a possibilidade de criação e modificação dos verbetes.

Nos dicionários colaborativos on-line, os usuários podem participar de maneira ativa, criando entradas, retomando verbetes, corrigindo ou até mesmo complementando-os. Por mais que esses usuários sejam ativos, não é possível identificar quem são, na maioria das vezes, por questão de confidencialidade como se observa em grande parte dos sites; no entanto, podemos supor com facilidade que a grande maioria dos colaboradores seriam não linguistas. Contudo, é importante salientar a possibilidade de linguistas também contribuírem com esses dicionários colaborativos, ainda que provavelmente em menor número. Nesse caminho, podemos dizer que os colaboradores seriam pessoas que não têm saberes especializados sobre a língua, produzindo enunciados que não são fundamentados a partir de uma linguística científica (DOLAR, 2021).

Ainda em seu artigo, Dolar (2021) analisa dois dicionários colaborativos on-line, um de língua francesa, La Palure, e um de língua eslovena, “Razvezani jezik, Slovar žive slovenščine” (A língua desatada: dicionário livre do esloveno vivo), sendo ambos totalmente colaborativos, não tendo fases de validação ou de moderação nas proposições dos verbetes, são monolíngues e possuem respectivamente 5000 e 5500 entradas.

Inspirados nas investigações de Dolar (2021) por meio das proposições teóricas de Paveau (2018, 2020), temos como objetivo nesse artigo analisar o funcionamento discursivo do Dicionário Informal já que esse apresenta características que suscitam problemáticas em torno da reflexão sobre Linguística Popular no Brasil empreendida por Baronas (2019). Para tanto, objetivamos, mais especificamente, observar de que modo os colaboradores, entendidos aqui como não linguistas, contribuem para os verbetes. Em especial, objetivamos descrever e interpretar a construção enunciativa dos verbetes *gado*, *feminismo*, *biscate* e *parafrasear*¹ Além disso, o corpus de análise foi selecionado em virtude de apresentar definição que caracteriza posicionamentos discursivos de acordo com a metodologia aplicada por Kaja Dolar (2021).

Nossa hipótese é a de que os não linguistas produzem seus discursos por meio de uma metaenunciação (PAVEAU, 2020) haja vista que constroem esses discursos a partir de um posicionamento discursivo específico de reflexão sobre a linguagem, assim, supomos também que seja uma prática linguística de não linguistas tanto descritiva quanto emancipatória. Por isso, nos perguntamos: de que modo são constituídos os discursos dos não linguistas no Dicionário Informal ao enviarem sua colaboração acerca dos verbetes *gado*, *feminismo*, *biscate* e *parafrasear*? Para responder a nossa pergunta de pesquisa, iremos, então, trazer algumas ideias teoricamente empreendidas por Dolar

¹No primeiro momento da pesquisa, observamos cerca de vinte verbetes selecionados a partir do interesses de pesquisa das autoras – analisar comentários metadiscursivos e metaenunciativos –, em seguida, foram selecionados os quatro que apresentavam esses comentários para compor o *corpus* e, então, foi feito o recorte do material apresentando na análise.

(2021), Paveau (2020) e Baronas (2019, 2020). Em seguida, faremos uma descrição do Dicionário Informal e, então, analisaremos algumas definições do Dicionário Informal sobre os verbetes.

1. Os dicionários colaborativos

Como citado acima, Dolar (2018), em seu artigo Os dicionários colaborativos on-line: objetos metalinguísticos profanos, salienta que uma das principais características desses dicionários é o fato de serem muito dinâmicos, o que promove a possibilidade de criação e modificação colaborativa dos verbetes. Os múltiplos suportes, especialmente os gratuitos, contribuem significativamente para o aumento dos saberes e para um certo apagamento das diferenças entre os profissionais do saber e os detentores profanos de saberes ou de saberes profanos.

A lexicografia profana, para Vicente (2017, p.114), engloba frequentemente a lexicografia colaborativa e os módulos “dicionário” dos portais linguísticos, no entanto, é problemático dar etiquetas tais como “nativo, espontâneo, ordinário e folk” porque a lexicografia colaborativa pode se dar em diferentes contextos: institucionais (universidade, grupos de pesquisas, editora etc.) ou não institucionais (dicionários colaborativos independentes). Segundo Dolar (2021), estamos ainda longe de uma atitude “integracionista”, embora os estudos lexicográficos não estejam totalmente excluídos do quadro institucional, as pesquisas que tomam a lexicografia colaborativa como complementar a abordagem tradicional ainda são minoria, principalmente quando se trata de projetos colaborativos independentes, não institucionais.

Porém, a autora (2021) trata de dois dicionários: o primeiro é o francês *La Palure*, originário de Quebec no Canadá, tem como foco a variação diatópica, ou seja, seus colaboradores indicam onde ouviram a palavra ou expressão em questão. O segundo é temos o dicionário esloveno *Razvezani jezik, Slovar žive slovenščine* que conta com entradas que descrevem usos de palavras dialetais, empréstimos semânticos, palavrões etc.

Dolar (2021), em seu artigo, analisa o funcionamento de cada um desses dicionários *on-line* e aponta três particularidades interessantes de ambos: “a) o seu caráter informal; b) os comentários que são postados pelos colaboradores a propósito da redação dos verbetes e c) as experiências e histórias pessoais inseridas nas entradas pelos redatores”. Essas características são exclusivas da lexicografia colaborativa e apresentam uma metalinguagem não didática, mas familiar quando surge da necessidade prática de comunicação centrada na linguagem do cotidiano, elencando competências básicas de cada um dos falantes. Nesse sentido, com todas as falhas e também toda a flexibilidade que a linguagem ordinária apresenta, é necessário compreender que a metalinguagem possui dois pólos, um científico e outro ordinário. No caso dos dicionários colaborativos *on-line*, há uma co-habitação da metalinguagem científica e da metalinguagem ordinária, conforme o exemplo que Dolar (2021) apresenta do *La Palure*, quando determinado colaborador usa termos formais e científicos ao descrever certa pronúncia de uma maneira informal, indicando que se trata de uma metalinguagem corrente ou ordinária.

Os comentários produzidos pelos colaboradores em relação à sua própria redação, como mostrado no exemplo em que locutor retorna a sua própria enunciação para acentuar a glosa proposta, entre parênteses caracterizam o que Dolar (2021) mostra como sendo a segunda particularidade da metalinguagem na lexicografia colaborativa. A última das particularidades diz respeito às inserções feitas pelos locutores/autores das entradas quando trazem experiências e histórias pessoais na definição do verbete, por exemplo, quando escrevem em primeira pessoa para marcar certa proximidade em relação ao discurso que está desenvolvendo, o que mostra elevado grau de subjetividade e, portanto, delinea um julgamento pessoal acerca daquela definição.

Com efeito, a autora (2021) afirma que essas são características específicas de uma metalinguagem profana encontradas nesse gênero do discurso, ou seja, trata-se de construções metalinguísticas constitutivas e próprias da lexicografia colaborativa. Assim, se os dicionários tradicionais são caracterizados por metalinguagem científica/didática, “os dicionários colaborativos *on-line* encontram-se em um *continuum* entre os dois pólos, o científico e o ordinário, na verdade a mesma entrada pode apresentar fenômenos diferentes, colocando-se em diversos pontos nessa escala” (DOLAR, 2021, p.126), o que gera uma mudança radical no paradigma tradicional porque há um questionamento de autoridade entre “especialista” versus “não-especialista” e não coloca apenas questões de representação da língua e da norma, mas antes de tudo, de legitimidade.

2. O campo de estudos da Linguística Popular

No Brasil, Baronas (2019) e seu grupo de pesquisadores iniciam uma discussão inovadora para a Linguística tal como Paveau (2020), uma visada integracionista em relação às produções acerca da linguagem tecidas por não linguistas (BARONAS e COX, 2019). Para isso, dá início aos estudos de Marie Anne Paveau (2018, 2020) sobre a denominada Linguística Popular com a proposição de um Congresso Científico denominado I Sielipop², além da organização de um dossiê intitulado *Linguística Popular/Folk linguistics e linguística científica: em vez do versus propomos a integração* e também da organização da obra *Linguística Folk: uma introdução* (2020), essa como mote de reflexão para aprofundarmos as ideias sobre esse campo do saber no espaço brasileiro.

A Linguística Popular surge trazendo respostas para vários questionamentos quanto à natureza desses saberes produzidos de modo “profano”, em relação aos modos de constituição e de legitimação dos ditos científicos. Para debater sobre os saberes linguísticos dos indivíduos, Paveau (2018, 2020) inicia seus estudos na França a respeito da *linguística folk* ou popular, publicados inicialmente na revista *Pratiques* em 2008, tendo como principais problemáticas: a reflexão sobre a validade dos saberes profanos e sobre os saberes científicos e a pertinência das intuições dos locutores profanos em comparação às elaborações científicas dos linguistas.

² Sielipop - Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular realizado de 12 a 14 de março de 2020 na Universidade Federal de São Carlos. Site do evento: <<https://sielipopufscar.wixsite.com/sielipop>>.

No ambiente anglo-saxônico, a Linguística Popular é um termo bastante difundido e estabelecido, encontramos vários estudos sobre *folk theories*. No entanto, o termo popular, em francês e em português, tem múltiplos significados podendo ser negativos ou positivos, por esse motivo, que a leitura adotada em francês é *folk linguistique*. Em português, optou-se por Linguística Popular.

O *folk* pode ser caracterizado como o saber espontâneo dos indivíduos que se diferencia do saber acadêmico ou científico, da mesma maneira que o saber prático se distingue do saber teórico. D. Preston e N. Niedzielski (1989 apud Paveau, 2020, p.53) afirmam que a consciência epilinguística é uma instância que fornece dados linguísticos da ordem da percepção, então se o objeto da linguística integra os usos da língua pelos sujeitos sociais e cognitivos, então os dados perceptivos da linguística *folk* podem ser levados em conta como dados linguísticos, pura e simplesmente.

Segundo Paveau (2021), a Linguística Popular ainda não é um campo constituído na França. Para que se constitua como tal, é preciso que sejam definidos seus objetos e materiais de observação. Para tanto, a pesquisadora propõe que o campo de Linguística Popular inclua um conjunto de enunciados que podem ser qualificados como linguísticas profanas, pois não são oriundos de representantes da linguística como uma disciplina, e sim dos não linguistas que avaliam ou se referem aos fenômenos da linguagem.

Esse conjunto de enunciados pode ser descrito por meio de quatro práticas linguísticas: as descrições, as prescrições, as intervenções e as práticas emancipatórias. A prática descritiva “pode ser entendida como o conjunto de descrições ou (pré) teorizações linguísticas do funcionamento da língua muito fortemente embasadas pelas percepções” (PAVEAU, 2021, p.35). Já “as prescrições concernentes aos usos são atinentes a um normativismo forte aliado ao purismo (condenação de empréstimos, de neologismos, derrisão sobre *feminização* dos nomes, etc) (PAVEAU, 2021, p. 36). As práticas intervencionistas são “proposições frequentemente espontâneas, geralmente regularizantes e destinadas a facilitar o uso do francês, tornando-o mais democrático, são chamadas de ‘erros’ pelos defensores da abordagem normativa e purista” (PAVEAU, 2021, p. 36 e 37). A prática emancipatória tem uma dimensão política e ética,

o militantismo social ou político é baseado em um discurso sobre as palavras. Vários trabalhos recentes na Análise do Discurso sobre o gênero mostraram a centralidade das práticas linguísticas profanas nos discursos que se desenvolveram nos debates em torno do casamento de pessoal do mesmo sexo (HUSSON, 2017) ou em discursos sobre intersexualidade (MARIGNIER, 2016). Na maioria dos ativismos encontramos reflexões sobre quais palavras usar ou não usar, sobre as maneiras de falar ou sobre as formas do debate. O dicionário ou léxico é quase um elemento obrigatório de todo ativismo, e o advento da Internet reforçou essa prática lexicográfica (PAVEAU, 2021, p. 38).

Em suma, em relação à Linguística Popular, podemos compreender quatro tipos de práticas linguísticas: descritiva (descreve a atividade da linguagem), normativa (prescreve o comportamento da linguagem), intervencionista (intervém nos usos da linguagem) e emancipatória (questiona certos usos da linguagem por entender que sejam preconceituosos, machistas, por exemplo). O desafio de consolidar a Linguística Popular é que ela não diz respeito às teorias linguísticas em sua constituição,

sua validade e sua legitimidade, mas sobretudo às práticas languageiras do cotidiano em suas dimensões sociais, culturais e cognitivas.

O que separaria, de fato, a linguística acadêmica ou científica e como definir estes limites? Em resumo, a Linguística Popular traz a tona questões sobre *categorização* e *denominação*, o que Paveau (2020) defende como uma abordagem integracionista, ou seja, que integre os dados de ambas linguísticas (folk e acadêmica) sem que haja uma fronteira em termos de contrariedade (*versus*) entre os dois tipos de fenômenos, tendo a questão da intuição como responsável por esta posição anti-eliminatória, de modo que a linguística acadêmica não pode economizar em intuição e introspecção por causa de sua dimensão reflexiva e irredutível.

Por conseguinte, a Linguística Popular promove uma discussão em relação à efetividade do conhecimento espontâneo em um contexto de aprendizagem, o que se nota com frequência é que na linguística a demonstração científica contradiz a interpretação espontânea em relação ao conhecimento popular.

2.1. Quem são os não linguistas?

Como vimos anteriormente, a tipologia das práticas linguísticas dos não linguistas – inicialmente tripartite para Brekle (1989 apud PAVEAU, 2020, p.27) em: descrições, prescrições e intervenções –, na atualidade, para Paveau (2021, p.37) seria quadripartite em virtude da inserção da prática emancipatória. Essas quatro práticas começam a ser compreendidas por meio da diversidade de lugares sociais e pela variedade de suas atividades com ou sobre a língua como em fóruns de internet, guias de conversação, conversas cotidianas etc. A partir das práticas definidas por Paveau (2021), entendemos que um não linguista não seria um estado permanente, ou seja, seria uma atividade praticável em um momento e em um lugar determinado, inclusive pelos próprios linguistas, existindo uma posição de não linguista cambiável com outra.

Para clarear um pouco mais sobre quem seria um não linguista ou um linguista popular, Paveau (2021), busca identificar esse grupo de sujeitos que produzem enunciados sobre a língua. Para tanto, o melhor caminho, segundo a estudiosa, é construir um continuum, em que dois pólos seriam representantes de extremos teóricos, de um lado o linguista “estudado”, “científico”, que têm os saberes exatos, e do outro, o linguista continuum entre os dois pólos: de um lado o linguista e de outro o linguista espontâneo.

Ademais, Paveau (2021, p.45) propõe uma tipologia em que as posições são classificadas de forma decrescente, partindo daquela que tem maior detenção de saber linguístico, acompanhadas por uma descrição baseada nas quatro práticas linguísticas populares descritas no item anterior: 1. linguistas profissionais; 2. cientistas não linguistas (um historiador-linguista, por exemplo); 3. linguistas amadores; 4. Militantes; 5. logófilos, glossomaníacos; 6. corretores-revisores-redatores; 7. escritores, ensaístas; 8. Crianças; 9. ludo-linguistas (humoristas, imitadores); 10. falantes comuns – é importante ressaltar que tais posições não são discretas, porém, porosas e até mesmo transversais, podendo um

falante passar de uma posição a outra. A porosidade implica em saberes linguísticos científicos que são transmitidos para os da linguística folk e vice-versa.

Nesse trabalho, entendemos que os autores dos verbetes que colaboram com suas inserções podem ser categorizados como falantes comuns; no entanto quando tratamos dos verbetes que por eles foram produzidos, podemos encontrar posicionamentos específicos em virtude do assunto ser polêmico ou não, supomos tratar de militantes e, além disso, queremos averiguar também se no contexto brasileiro de dicionário colaborativo há corretores-redatores-revisores já que o gênero, de algum modo, sugere que qualquer usuário da Web pode tecer a definição sobre determinada lexia.

3. O Dicionário inFormal: espaço discursivo dos não linguistas

O Dicionário inFormal, em sua página inicial, traz a seguinte descrição:

1. Dicionário inFormal

O dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!

O Dicionário inFormal é do caralho! Ali não existem definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português.

FIGURA 1 – Página inicial do Dicionário inFormal.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>

Ao acessar o site, é possível observar a apresentação do dicionário: “O dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!”. No primeiro instante, o usuário é convocado a enviar para o site “definições da vida para o português”, a apresentação também sugere que as definições feitas por estudiosos não contemplariam o português real, dessa forma, o lugar que antes era atribuído aos estudiosos da língua passaria, nesse momento, a pertencer aos falantes que teriam os saberes advindos de suas práticas linguísticas (Oliveira, 2014) e, por isso, estariam isentos de julgamentos. Inspirados nas reflexões de Dolar (2021) e de Oliveira (2014), entendemos que se tratam dos falantes-lexicógrafos inFormais.

A respeito das postagens do dicionário feitas por não linguistas, elas seguem um determinado padrão que é em decorrência do formulário estabelecido pelo site, em que possuem datas, localização (cidade e estado) e possuem assinaturas, contudo, é difícil identificá-los porque o formulário

pode facilmente ser adulterado, tanto é que na página de envio tem a recomendação de que o colaborador “não coloque seu nome de verdade, pois ele estará visível para todos”.

Embora haja a autorização para que o colaborador possa exercer definição do modo que lhe for conveniente, o Dicionário inFormal alerta que “a definição pode ser editada e se tornará propriedade do Dicionário inFormal”, apesar disso, o efeito não é de rigidez em nenhum aspecto da definição, ora no momento de definir - tanto palavras ou temas tabus, quanto sobre a escolha de definição, exemplificação, ora na escolha das relações semânticas (sinonímia, antonímia e relacionadas).

No formulário do Dicionário InFormal, encontramos espaços para que o colaborador possa inserir os elementos do verbete: palavra, definição, exemplo, relacionadas com a explicação, sinônimos, antônimos, e, ao passar o cursor do mouse por cima dos espaços, há uma breve explicação do que se trata esses elementos, seguido de um breve exemplo. O modo em que o formulário foi elaborado resulta na liberdade das definições tanto nos exemplos quanto também em suas relações semânticas, uma vez que há a informalidade da linguagem no que diz respeito às palavras-tabus quando é solicitado apenas que colaborador assinale caso seja uma gíria, uma palavra relacionado ao sexo, xingamento ou palavrão e, mesmo assim, nenhuma palavra-tabu é proibida como entrada.

O *corpus* de análise é composto por verbetes que coletamos exclusivamente do dicionário inFormal devido ao seu caráter colaborativo, anônimo e seu uso, de modo geral, ser feito por falantes de português em específico do Brasil. Para realizar o recorte do corpus, utilizamos como critério a busca por discursos que flutuam entre uma metalinguagem científica e uma metalinguagem ordinária, além de comentários metaenunciativos e da experiência pessoal do redator como estratégia para aumentar a legitimidade da definição proposta.

3.1 Do científico ao ordinário

É necessário que haja a compreensão de que a metalinguagem possui duas extremidades sendo a científica e a ordinária. Os dicionários colaborativos on-line, nesse sentido, possuem uma co-habitação da metalinguagem tanto científica, quanto ordinária, conforme o exemplo que é dado por Dolar (2021) quando ela utiliza o *La Palure*, em que observamos que o redator usou termos formais e científicos e, ao mesmo tempo, descreveu a pronúncia de um jeito informal, indicando que se trata de uma metalinguagem corrente ou ordinária.

A metalinguagem não didática e familiar origina-se da necessidade prática de comunicação, sendo uma competência de cada um dos falantes, com todas as supostas falhas em relação à norma da língua quanto a sua elasticidade. É importante ressaltar que a metalinguagem que caracteriza os sujeitos não linguistas que, de algum modo, promovem uma reflexão sobre a linguagem, possui dois pólos, sendo um científico e outro ordinário.



FIGURA 2 – Verbetes Gado

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/gado/>

Nele, é possível notar que o autor é "José Luiz" e é do estado de São Paulo por meio da sigla "SP", além disso, observamos, também, como comentado anteriormente, que há a inserção da data da postagem do verbete "29.12.2017". Ainda no mesmo espaço, do lado direito do internauta, temos os símbolos das redes sociais Facebook³ e Twitter⁴, o que permite o compartilhamento dessa definição nas redes sociais e também em outros meios como em aplicativos de mensagens instantâneas.

Nesse verbete, foi possível averiguarmos o continuum entre uma metalinguagem ordinária e uma metalinguagem científica por meio da construção discursiva do colaborador ao elencar três definições seguindo o modelo que é utilizado nos dicionários tradicionais, como podemos observar o item 1, que busca esclarecer qual seria um primeiro significado do termo. Já no item 2, observamos a inserção de sinônimos "rebanho, armento"; em relação ao item 3, encontramos um sentido figurado, como de "classe de pessoas indisciplinadas", o que carrega também de significados o enunciado em virtude do momento político atual; como resultado, vemos, de certo modo, uma resignificação do substantivo ao transformá-lo em um adjetivo que faz emergir características específicas em relação a um grupo de pessoas. Com isso, podemos afirmar que não se trata de uma definição metalinguística apenas no aspecto científico, mas também no ordinário.

3.2 Comentários metaenunciativos

Outra particularidade apontada por Dolar (2021) a respeito da metalinguagem na lexicografia colaborativa, são os comentários produzidos pelos sujeitos em relação à sua própria redação. Para nossa reflexão, selecionamos o material a seguir (figura 3), em que é possível notar (como no verbete acima –

³ Facebook. Link para acesso: www.facebook.com.

⁴ Twitter. Link para acesso: www.twitter.com.

“gado”) a inserção de um exemplo, logo abaixo há o desenho de uma mão com positivo ou negativo cujas representações são destinadas a curtir (clicamos no positivo) ou não curtir (clicamos no símbolo de negativo):

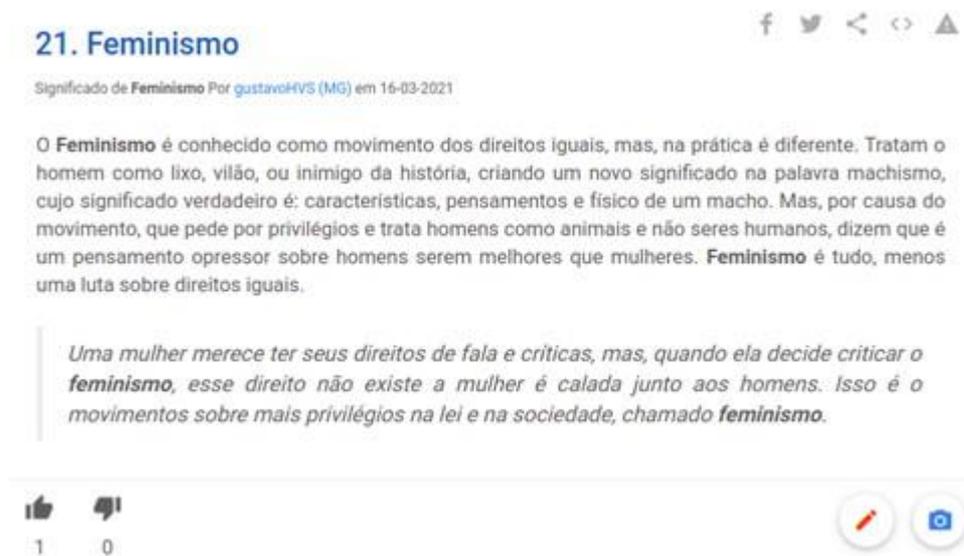


FIGURA 3 – verbete feminismo.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/feminismo/3/>

O verbete “feminismo” apresenta 40 definições, a que compõe nosso material de análise é uma das mais recentes. Como o autor escreve em apenas um parágrafo, entendemos que haveria, então, uma única definição para o termo; além disso, os enunciados tecem críticas ao movimento, o que mostra que o autor pode ser visto, de modo mais genérico, dentro do chamado discurso militante de direita; vejamos o seguinte enunciado: “O feminismo é conhecido como movimento dos direitos iguais, mas, na prática é diferente”, a conjunção adversativa tem função de trazer enunciados contrário ao anterior.

Além disso, no excerto analisado – “Feminismo é tudo, menos uma luta de direitos iguais”, observamos a construção metadiscursiva na qual podemos promover um gesto interpretativo que determina um certo movimento para desconstruir certas possibilidades interpretativas. Ou seja, a construção discursiva “feminismo é tudo, menos...” observamos que esse recorte é utilizado como grau comparativo que se atrela à ideia de que é preciso enfatizar o que se diz.

Conseguimos encontrar o mesmo fenômeno de comentário metaenunciativo no verbete do léxico “biscate”, em que identificamos a particularidade trazida por Dolar (2021, p.123): “Outra particularidade da metalinguagem no quadro da lexicografia colaborativa, que merece destaque, são os comentários produzidos pelos colaboradores em relação à sua própria redação.”

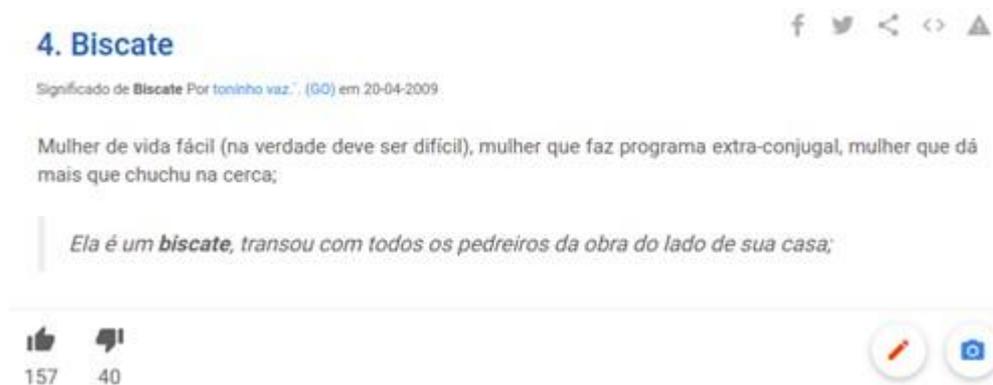


FIGURA 4 - verbete biscate.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/biscate/>

O "toninho vaz" do estado de Goiás (GO), ao escolher definir o léxico da seguinte forma: "Mulher de vida fácil (na verdade deve ser difícil),...", coloca entre parênteses um comentário metadiscursivo, o qual traz uma reflexão sua sobre o que está enunciado, um comentário, uma glosa sobre seu próprio dizer. Ao mesmo tempo, o sujeito ao dizer "mulher de vida fácil" e, em seguida, inserir um comentário entre parênteses marca distância em relação ao seu julgamento pessoal a respeito da definição proposta.

3.3 A legitimidade e o lugar da experiência individual

Cabe acrescentar que, nos dicionários colaborativos, os sujeitos produtores dos verbetes, na maioria dos casos, são anônimos, o que possibilita que se coloque em dúvida a questão da legitimidade da informação; conscientes de tais embaraços, os autores podem optar por inserir técnicas que consistem em introduzir informações adicionais que justifiquem a sua inserção em relação a determinado verbete, ou seja, a sua posição discursiva.

Mediante esse fato, Dolar (2021) aponta três caminhos que são frequentemente utilizados: (a) o direcionamento para uma ou várias outras páginas da web perante a forma de *links*, sendo esse *link* a prova do uso atestado da lexia em questão; (b) a menção a um recurso, por exemplo, os dicionários tradicionais ou mesmo a imprensa, utilizados como instância objetiva, contribuindo para produzir um ethos de cientificidade, a menção pode, às vezes, se aproximar fortemente da citação científica com a utilização de aspas ou mesmo da referência bibliográfica precisa e (c) a experiência pessoal utilizada para reforçar a definição proposta.

No verbete abaixo, identificamos o uso da menção bibliográfica na qual o interlocutor, ao definir o léxico, aponta o que indica os dicionários que são tradicionais para fortalecer o que diz. Como nos seguintes excertos: "Segundo Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa" e "Segundo o Dicionário Aurélio".

1. Parafrasear



Significado de Parafrasear Por Bárbara Kraychete (BA) em 26-12-2007

V.t. Interpretar. / Reproduzir as idéias de um texto, dando-lhe redação pessoal. fazer a paráfrase de;traduzir livremente.

Segundo Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa : Explicação ou tradução mais desenvolvida de um texto por meio de palavras diferentes das nele empregadas.

Segundo o Dicionário Aurélio: Modo diverso de expressar frase ou texto, sem que se altere o significado da primeira versão. Portanto sua frase deve ser mais desenvolvida que a frase apresentada como tema, e as palavras devem ser diferentes, e não sinônimas.

Texto Original

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.
(Gonçalves Dias, "Canção do exílio").*

Paráfrase

*Meus olhos brasileiros se fecham saudosos
Minha boca procura a 'Canção do Exílio'.
Como era mesmo a 'Canção do Exílio'?
Eu tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
Onde canta o sabiá!
(Carlos Drummond de Andrade, "Europa, França e Bahia").*

FIGURA 5 – verbete parafrasear.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/parafrasear/>

Depois dessa breve exposição sobre as características metalinguísticas constitutivas e próprias da lexicografia colaborativa específicas de uma metalinguagem científica/didática, entendemos que o Dicionário inFormal encontra-se em dois extremos, o científico e o ordinário, ou seja, em uma mesma entrada encontramos fenômenos diferentes, fato que pode colaborar com uma mudança profunda, inovadora e radical no paradigma tradicional ao colocar em contraponto os “especialistas” versus os “não especialistas” em relação às questões não somente representação da língua ou da norma, mas também questões sobre seu próprio discurso que podem ser pensados a partir de uma visada histórica e ideológica.

4. Considerações finais

Neste trabalho, nosso interesse originou-se fundamentalmente em averiguar as práticas linguísticas (e discursivas) dos não linguistas no contexto de dicionários colaborativos *on-line*, como o Dicionário inFormal, um dos veículos desse gênero mais utilizados no Brasil na atualidade. No primeiro movimento de análise, selecionamos os verbetes *gado*, *feminismo*, *biscate* e *parafrasear* e, para realizar as descrições e interpretações, inspiramos-nos na metodologia aplicada por Kaja Dolar (2021) em *Os dicionários colaborativos on-line: objetos metalinguísticos profanos* a fim de identificar se é possível encontrar as mesmas particularidades em contexto brasileiro e responder como são construídos os enunciados realizados pelos não linguistas ao enviarem as suas colaborações.

A partir dessas reflexões, podemos considerar que as construções discursivas são constituídas de modo distinto e característico em relação aos exemplos que Dolar (2021) aponta em sua pesquisa, distinto também são as particularidades as quais são trazidas pela pesquisadora sobre o *continuum* entre o científico e o ordinário, os comentários metaenunciativos e a questão da legitimidade e o lugar da experiência pessoal.

No Dicionário inFormal, a passagem do científico para o ordinário e a questão da legitimidade e o lugar da experiência pessoal não são as práticas mais correntes dos colaboradores brasileiros, o que acreditamos que seja motivado em virtude do caráter do formulário estabelecido pelo site para o colaborador preencher com espaços para inserção dos elementos do verbete. A começar pela presença de uma definição formal, entendida como científica, seguida de uma definição informal, dita ordinária, não é comum que haja essa constituição discursiva porque os colaboradores são convidados a definir o termo da maneira que for escolhida por eles e com certa liberdade; já a respeito da legitimidade e o lugar de experiência pessoal, o redator tem mais tendências a não se valer de tais recursos e, quando o faz, ampara suas definições em organizações que já são tradicionais não direcionando o leitor para um *link* da *Web*, por exemplo.

A particularidade mais comum no dicionário colaborativo *on-line* que investigamos foi o uso dos comentários metaenunciativos que o redator produz em relação a sua própria redação. No entanto, atrelado a essa característica, identificamos também redatores que são engajados, apaixonados e que produzem discursos militantes em suas definições.

Por fim, é importante ressaltar que esse trabalho é um início de uma reflexão acerca do papel desses não linguistas em dicionários colaborativos *on-line*. Mas, salientamos que há muito a ser investigado e, além do Dicionário inFormal, há outros dicionários que podem ser investigados sob olhar da Linguística Popular.

Informações adicionais

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v22i2.2068.R>

Editores

Marcelo Rocha Barros Goncalves

Afiliação: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1894-9746>

Dennis Preston

Afiliação: Universidade de Kentucky

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9949-0211>

Roberto Leiser Baronas

Afiliação: Universidade Federal de São Carlos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Sidnay Fernandes dos Santos Silva

Afiliação: Universidade Federal de São Carlos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5932-4948>

Avaliador 2: Marco Antonio Almeida Ruiz

Afiliação: Universidade Federal de Goiás

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2438-9252>

AVALIADOR 1

O manuscrito *O dicionário informal: uma questão para a linguística popular* apresenta um estudo cujo objeto de análise é o Dicionário inFormal, disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/>; mais especificamente, são tomados como objeto de estudo os verbetes gado, feminismo, biscate e parafrasear.

Um trabalho que possui como ponto forte a contribuição que traz para as áreas da Linguística Popular e da Análise do Discurso Digital. Embora, no texto, não se mencione a contribuição para a Análise do Discurso Digital, a abordagem científica dada à escrita colaborativa a partir do comparativo que estabelece com o estudo de Dolar (2021) agrega conhecimentos ao campo dos estudos linguístico-digitais.

Como pontos fracos do artigo, dois aspectos precisam ser considerados na revisão: i) quanto à fundamentação teórica - a concepção de “discurso” tomada pelas autoras precisa estar expressa no texto; ii) quanto à escrita, há muitas falhas de articulação, conforme Charolles (apud VAL, 1999) – reescrever os períodos assinalados, atentando-se para as observações da parecerista, principalmente no que diz respeito à pontuação e ao emprego de mecanismos coesivos, de elementos conectores.

As autoras apresentam como hipótese: “os não linguistas produzem seus discursos por meio de uma metaenunciação (PAVEAU, 2020) haja vista que constroem esses discursos a partir de um posicionamento discursivo específico (de reflexão sobre a linguagem, assim, supomos também que seja uma prática linguística de um não linguista tanto descritiva quanto emancipatória” e escrevem ser por conta de tal hipótese que se elabora a pergunta: “de que modo são constituídos os discursos dos não linguistas no Dicionário Informal ao enviarem sua colaboração acerca dos verbetes gado, feminismo, biscate e parafrasear?”.

A compreensão da hipótese está confusa para o/a leitor/a por conta da falta de informação sobre a concepção de discurso e, por extensão, de posicionamento discursivo. A pergunta apresentada a seguir é uma proposta de analisar o modo de constituição de discursos de não linguistas. Essa pergunta insere-se na teoria discursiva de Michel Pêcheux, mas não se apresenta no texto resultados obtidos a partir dessa perspectiva teórica. Os resultados da pesquisa contemplam o nível intradiscursivo, ou seja, o nível da formulação. E formulação de dizeres, de enunciados, de metalinguagem científica, de metalinguagem ordinária, não de discursos.

Em termos metodológicos, convém explicitar os critérios de seleção e de agrupamento dos verbetes escolhidos pelas autoras.

Observações mais pontuais, tendo em vista o aprimoramento do manuscrito, constam no arquivo que apresento em anexo.

Em síntese, tendo em vista a contribuição do manuscrito para a Linguística Popular e o caráter inovador atribuído ao objeto de estudo, sou **favorável à publicação, após a revisão e atendidas às solicitações.**

AVALIADOR 2

O artigo possui um tema bastante pertinente e muito interessante abordando as principais conceituações do campo da linguística popular no Brasil. Possui como *corpus* de trabalho um conjunto de verbetes de um dicionário Informal online de modo a observar as variações de sentidos a partir dos gestos empregados por linguistas e não linguistas na compreensão desses materiais “populares”. A linguagem é clara e os objetivos bem delimitados, além de apresentar uma metodologia pertinente

ao escopo teórico utilizado. Ao longo de nossa leitura, fizemos alguns breves comentários, a fim de ajudar na elucidação de alguns poucos problemas de ortografia e linguagem, nada que prejudique a compreensão total do texto. Logo, envio a versão com as sugestões para que as autoras as retomem e as incorporem, caso achem necessárias.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

REFERÊNCIAS

BARONAS, Roberto Leiser. COX, Maria Inês Pagliarini. **Apresentação do Dossiê. Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração.** In: Revista Fórum Linguístico. Volume 14, no. 4, 2019. p. 4254 - 4256. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/issue/view/3003>>.

BARONAS, R.L.; COX, M.I.P. (orgs) **Dossiê de Linguística popular.** Vol. 16, n.4, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/issue/view/3003>>.

Dicionário inFormal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em 5 de maio de 2021.

DOLAR, Kaja. **Os dicionários colaborativos on-line: objetos metalinguísticos profanos.** Tradução: Roberto Baronas. In: BARONAS, R.L.; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros.; SANTOS, Julio Antonio Bonatti (org.) *Linguística popular: contribuições às ciências da linguagem.* Araraquara: Letraria, 2021. Disponível em: <https://www.letraria.net/linguistica-popular-contribuicoes-as-ciencias-da-linguagem/>. Texto original: DOLAR, Kaja. **Les dictionnaires collaboratifs en ligne, des objets métalinguistiques profanes.** In: Open Edition Journals. Número 14, 2018. p. 33-50. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cediscor/1161>.

HUSSON, Anne-Charlotte. **Les mots du genre. Activité métalinguistique folk et constitution d'un événement polémique, thèse de doctorat,** Université Paris 13, 2018.

MARIGNIER, Noémie. **Les Matérialités discursives du sexe. La production du genre dans les discours sur les sexes atypiques,** thèse de doctorat, Universités Paris 13 et Sorbonne nouvelle, 2016.

OLIVEIRA, Sheilla Elias. **O dicionário informal e a relação do falante com a língua.** Revista Anpoll 2014. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/784/776>

PAVEAU, Marie-Anne. **Linguística folk: uma introdução.** Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020. Disponível em: <<https://www.letraria.net/linguistica-folk-uma-introducao/>>. Acesso em 5 de maio 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares.** In: Revista Policromias, Ano III, Dezembro, 2018. p.21-45. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/viewFile/21267/12729>>. Acesso em 5 de maio de 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas** (Tradução Livia M.Falconi Pires e Roberto Baronas) In: BARONAS,R; COX, M. I. P. Linguística Popular/Folk Linguistics: práticas, proposições e polêmicas. Campinas, Ed. Pontes, 2021.

VINCENT, N. **Présence et description d'emplois québécois dans des dictionnaires disponibles gratuitement en ligne**. Reperes – dorif 14, Rome, DoRiF Università, 2017. Disponível em: http://www.dorif.it/ezine/ezine_articles.php?art_id=379. apud DOLAR, Kaja.